

Emmanuel Falque, *La Chair de Dieu* (Paris: Cerf, 2023). ISBN: 9782204151801 360 pp.

Na senda da publicação de *Dieu, la chaire et l'autre. D'Irénée à Duns Scot*, centrado em três noções filosófico-teológicas de indiscutível interesse historiográfico, saída sob a chancela da PUF, em 2008, e com importante repercussão no universo académico internacional, o professor Emmanuel Falque deu a lume, no final de 2023, um admirável estudo onde volta a problematizar a questão da “carne” de Deus, ancorando-a num olhar de orientação fenomenológica e hermenêutica que parte do Texto sagrado para dialogar com as noções de corpo próprio e corpo vivido, empatia, intercorporeidade, percepção, matéria, sentidos, entre muitos outros.

Com efeito, sem nos conduzir ostensivamente pelo vasto itinerário da Patrística à escolástica medieval, como havia feito no livro anterior, o professor do Institut Catholique Français guia os leitores escolhendo como epígrafe da obra alguns versos de Charles Péguy que eloquentemente dispõem – num mesmo plano – estruturas dialéticas que atravessam a monografia como o sobrenatural e o terreno, o efêmero e o eterno, a superfície e a espessura. Aliás, esta corda tensa vem a ser recuperada no final da circunstanciada introdução (pp. 51-52), denotando o fascínio pelo neologismo poético – “encharnellement” (incarnamento) – e a importância de regressar aos versos seminais do poeta para fechar de modo oracular o livro (p. 347). Na magia sémica dessa palavra parece residir a promessa da releitura filosófica de um tema que concerne o sujeito, o seu reflexo no outro, num exercício de alteridade que convida depois, inevitavelmente, ao regresso a si e à compreensão da radicalidade do amor e da dádiva.

Embora em *La Chair de Dieu* a reflexão se centre na *Sacra Pagina* e na constelação de autores que pensaram as matérias em torno do vasto campo lexical do corpo e da corporeidade, a paisagem histórico-filosófica está sempre presente, pois St. Ireneu, Tertuliano, os Padres da Igreja (João Damasceno, Gregório de Nazianzo, St. Agostinho) ou os teólogos medievais (S. Boaventura e Tomás de Aquino), bem como os pensadores modernos e contemporâneos (Descartes, Marx, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Jean-Luc Marion, Urs von Balthasar, Merleau-Ponty, E. Lévinas, Paul Ricoeur...) são convocados amiúde, a fim se de compreenderem as malhas sensíveis de um problema colocado interdisciplinarmente e assente em desafios linguísticos – da formulação grega dos Evangelhos a partir da fortuna gerada pela expressão *sarksa kai ostea* (“em carne e osso”) aos conceitos filosóficos cunhados em alemão e francês.

Tanto em língua francesa como em língua portuguesa, a afirmação popular de que se é “de carne e osso” assume um tom confessional de proclamação de humanidade, de consciência da fragilidade que, nem sempre estando à vista, se desvela através do verbo, como proclama João 1:14 (*E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.*)

Porém, sob que prisma toca Emmanuel Falque, ele próprio filho de uma língua neolatina, na corporeidade de Deus, revestindo-se ela de tantas camadas de pele, ou melhor, de tal miríade de tradições teológicas e filosóficas que, não raro, se confunde e matiza? Será possível (perguntamos nós) estabelecer um diálogo efetivo

entre teologia e filosofia e superar a antiga querela da oposição entre corpo e alma, consciência e percepção?

O apóstolo Tomé, cristalizado como o representante trans-histórico da descrença e do ceticismo que embota a fé, dá o mote, quer na capa do livro, quer na nota de abertura, para se perspetivar Deus feito homem, castigado, punido e condenado à morte. Mas, de maneira extremamente hábil, o filósofo francês reabilita o descrente Tomé, investindo-o de instrumentos provindos de um horizonte husserliano e merleau-pontyano para reinterpretar a sua dúvida legítima e refletir sobre o conflito que escancara diante de seres mortais um Cristo que é homem – paciente, dependente e limitado: “La chair de Dieu est bien d’abord celle de l’homme tout court, et donc de son «ordinaire finitude», fût-elle métamorphosée par la réurrection.” (p. 54)

Esse corpo na cruz que se expõe exangue, diante de todos como exemplo do sofrimento e da crueldade não se incompatibiliza (longe disso diria Falque) com o mistério eucarístico e incorpóreo do resgate carnal pela ressurreição. Cristo assume a Sua vulnerabilidade, numa assunção da organicidade que transforma a liturgia numa cirurgia (p. 12), na análise física das feridas humanas que anunciam a Sua divindade. Daí que São Tomé, tocando nesta “carne fenomenológica” (p. 14), que se situa entre *Körper* e *Leib*, não sendo redutível a nenhuma das duas dimensões, expresse o quiasmo de dois corpos próprios que interagem (p. 37) e que se transformam.

Como se depreende, Falque não rememora, no entanto, este episódio fraturante apenas por motivos histórico-literários ou teológicos. Pelo contrário, extrai consequências intemporais do testemunho da experiência vivida por Jesus Cristo, ao infundir no ser humano a certeza de que da perscrutação de Deus incarnado nasce a decifração da verdadeira natureza humana, que antecipa o caminho da transcendência lembrado na comunhão.

Sob o prisma da fenomenologia, de um corpo vivido e de um corpo representado, sujeito a afecções e afetado pelo sofrimento, é nessa expressão de descentramento que os apóstolos e os crentes se reveem no *pathos* de Jesus Cristo, nas marcas palpáveis da Sua dor. Nesse sentido, o autor francês adverte-nos que “En phénoménologie (apparition ou autoaffection) comme en théologie (réurrection), il est plus aisé de traiter de la manière que de la matière, du vécu que de la substance, et donc de la «chair» que du «corps.»” (p. 23) Ora, se, por um lado, o filosofema ‘carne’ é mais operacionalizável no debate instalado, também a teoria tomista do hilomorfismo, segundo Falque, merece ser aplicada nos dias de hoje, em clave fenomenológica (p. 24) para pensar de forma cabal o corpo finito e a condição de simples criaturas (p. 95).

E na hora de avaliar a primazia da percepção sobre a imaginação, as razões evocadas para dar a palma à primeira são óbvias, desde logo porque a realidade percebida se afigura mais rica do que qualquer imagem criada (p. 33) e o espanto de aceder à realidade objetiva do corpo incarnado faz estremecer, isto é, abala. Assim o dissera Merleau-Ponty, na senda de Husserl. Assim o subscreve Emmanuel Falque, arriscando eleger o filho de Deus como o sujeito pensado pelo autor de *Phénoménologie de la Perception*. São Tomé necessita de colocar a mão na chaga de Cristo, para visceralmente entender na presença do Outro a sua própria circunstância.

Mas, a aparição do filho de Deus entre os apóstolos inquieta também pela manifestação física que o jovem Marx lê na sua dimensão material, práxica. Em face dos companheiros, Jesus pede para saciar a fome e a sede (p. 43) – necessidades tão

naturais que quase chocam com o afastamento do *bios* assumido por aqueles que, dias antes, assistiam *in loco* aos últimos estertores do filho de Deus. E é justamente nesse apelo do corpóreo que Deus feito homem semeia a perplexidade junto dos discípulos.

Dividida em três partes – “Du pâtre au passage” (pp. 63-216), “Épaisseur du corps et problème de l’âme” (pp. 217-283) e “La grande traversée” (pp. 286-329) – *La Chair de Dieu* oferece um roteiro fenomenológico da paixão de Cristo, atento à hermenêutica do texto sagrado (Paul Ricoeur) e à sua historicidade interpretativa. A *via crucis* proposta pelo autor apresenta como principal novidade a atenção ao sábado – interpretado como “trauma” ou “descida aos infernos” (p. 65), momento em que os cristãos se deparam com o “cadáver” de Cristo. A liturgia que se celebra desde a quinta-feira até ao domingo de Páscoa expõe assim, segundo o nosso autor, a faceta simultaneamente miserabilista e esplendorosa do corpo (p. 69) – do cordeiro sacrificado (p. 72), que sofre na carne a perturbação de ser para a morte (p. 102), de “corpo indigente e nu” (p. 115) à transubstanciação.

Na conclusão, fiel aos que havia dito a páginas 55, Emmanuel Falque aporta no campo teológico, para robustecer o binómio *chair / cha(i)rité* através da revisitación da *theologia* de São Bernardo e de Ricardo de São Víctor, decifrando o mistério da Trindade pela força do amor – do amor a dois à transferência de afetos que se direciona para envolver uma terceira Pessoa, criando uma comunidade amorosa trinitária. O *pathos* de Cristo, analisado meticulosamente ao longo de vários capítulos em clave fenomenológica culmina assim na partilha de uma mesma afeção – divina e humana (p. 337) por via dos teólogos místicos. Se o sofrimento humaniza Deus através do “encharnement”, “coeur du christianisme comme tel: incarnation, eucharistie, réssurrection” (p. 285) também lembra a cada ser o peso da finitude,

Lamentando apenas que a proposta fenomenológica não mantenha o seu diálogo com a *res theologica* até às derradeiras páginas, acalenta-se, acima de tudo, o vivo desejo de que a obra seja oportuna e brevemente traduzida para português, pois à clareza expositiva e ao minucioso trabalho de hermenêutica interpretativa alia-se um engenho e elegância estilística e literária que apaixonam quem tem a grata experiência de ler *La Chair de Dieu*.

Marisa das Neves Henriques

Centro de Literatura Portuguesa

marisa.henriques@fl.uc.pt

0000-0002-7268-0565

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_65_12